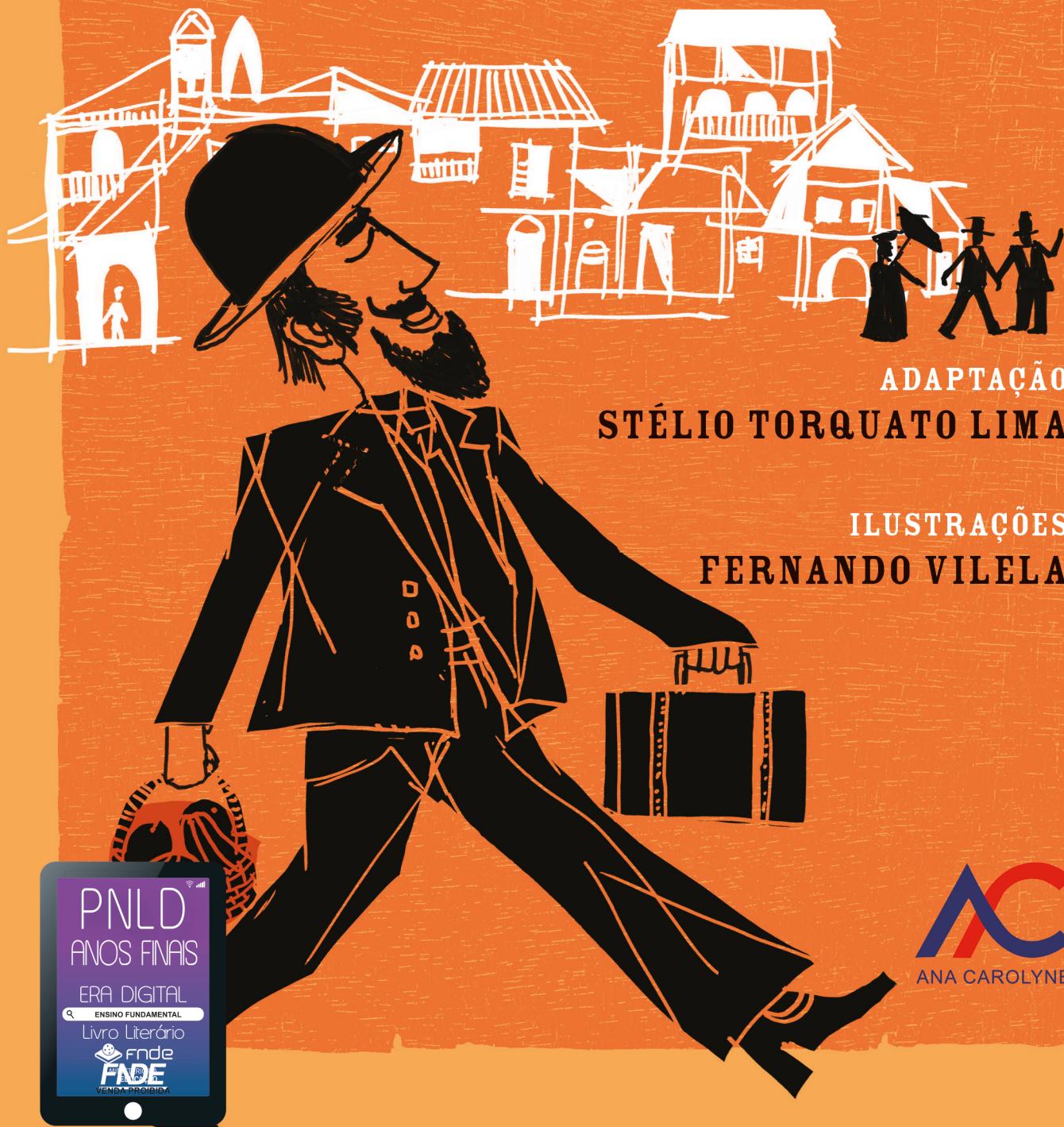


# TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA EM CORDEL LIMA BARRETO



ADAPTAÇÃO  
STÉLIO TORQUATO LIMA

ILUSTRAÇÕES  
FERNANDO VILELA

AC  
ANA CAROLYNE





**TRISTE FIM  
DE POLICARPO  
QUARESMA  
EM CORDEL**



Copyright © 2022 ANA CAROLYNE  
Todos os direitos reservados

Responsabilidade editorial: Ana Mortara  
Coordenação editorial: Estúdio Caraminhoca  
Revisão: Equipe Casa de Letras

Produção: Hachura  
Elaboração de paratexto: Cassia Leslie  
Elaboração do manual digital do professor:  
Cassia Leslie

Catalogação na Publicação  
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

B273  
Barreto, Lima

Triste fim de Policarpo Quaresma em Cordel / Lima Barreto; Stélio Torquato Lima (Adaptador); Fernando Vilela (Ilustrador). – Rio de Janeiro: Ana Carolyne, 2022.

72 p., il.; 20,5 X 27,5 cm  
ISBN 978-65-998492-0-6 (Livro do Aluno)

1. Literatura infantojuvenil. I. Barreto, Lima. II. Lima, Stélio Torquato. III. Vilela, Fernando (Ilustrador). IV. Título.

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático  
I. Literatura infantojuvenil

Rio de Janeiro, 2022 - 1<sup>a</sup> edição  
Todos os direitos reservados



R. CAROLINA MACHADO, 530 - MADUREIRA  
RIO DE JANEIRO - RJ  
CEP: 21.351-021

# TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA EM CORDEL

## LIMA BARRETO

ADAPTAÇÃO  
STÉLIO TORQUATO LIMA

ILUSTRAÇÕES  
FERNANDO VILELA

1<sup>a</sup> EDIÇÃO · RIO DE JANEIRO · 2022







Para o admirável Policarpo Quaresma  
Stélio Torquato Lima

Para meu querido pai, Paulo Celso (*in memorian*)  
Fernando Vilela

# Q

ue Deus me ajude a contar  
O romance *Triste fim*

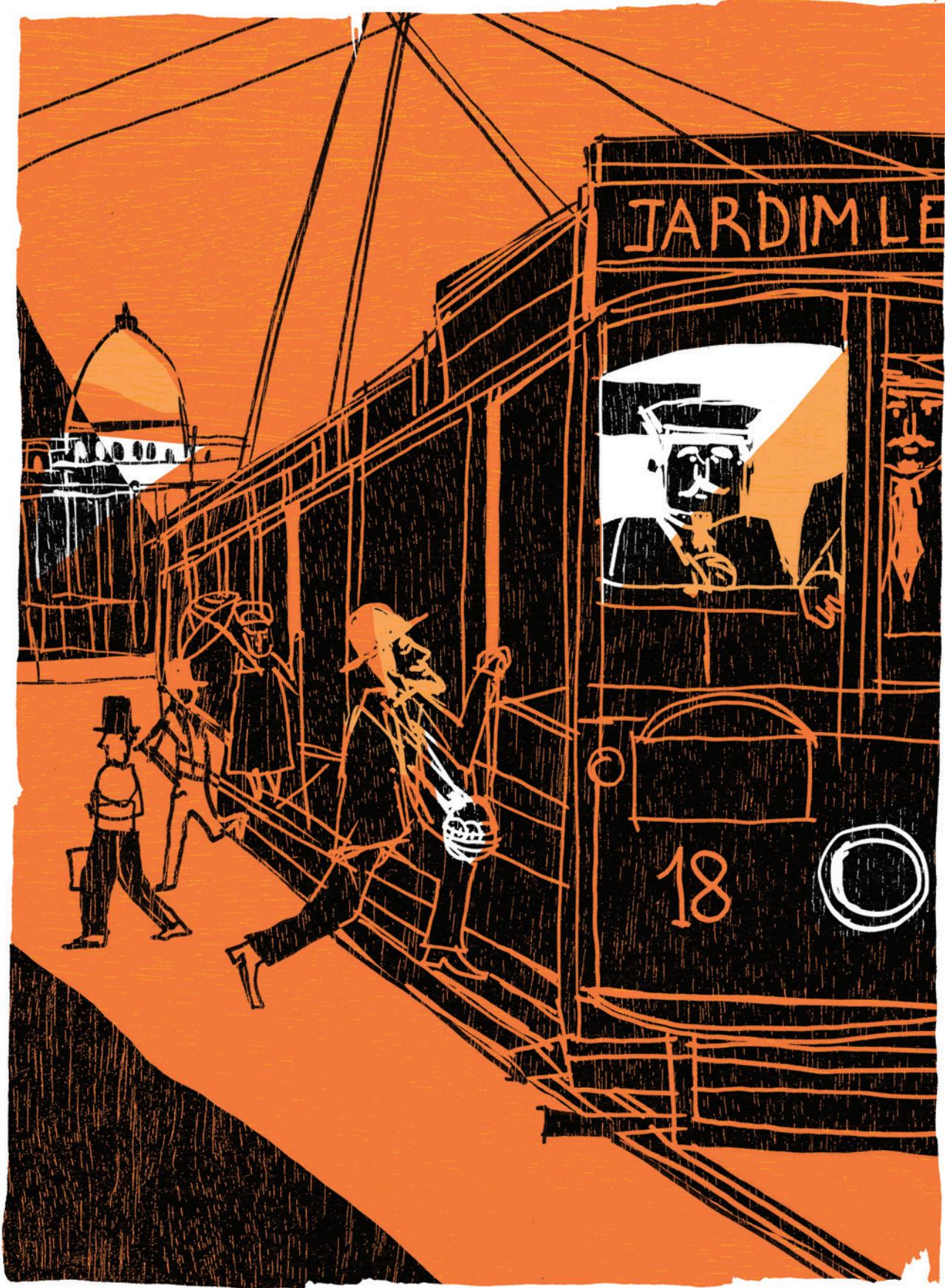
*De Policarpo Quaresma,*  
Que lançou em folhetim  
O grande Lima Barreto.  
Da obra, faço, prometo,  
Boa adaptação, assim.

A primeira das três partes  
Do livro foca a cultura.  
Já a segunda reflete  
Sobre nossa agricultura.  
Por fim, a terceira explana  
A política floriana,  
Retratada sem brandura.

Foi Policarpo Quaresma  
Um ingênuo, um sonhador,  
Dom Quixote nacional  
E muito mais, bom leitor.  
Para isso demonstrar,  
Eu passo agora a contar  
Essa obra de valor.

Tinha o Major Policarpo,  
Como era conhecido,  
Hábitos bem rigorosos,  
E deles, o referido  
Raramente se afastava.  
Era um traço que marcava  
Esse nosso herói querido.





Às quatro e quinze da tarde,  
Retornava à moradia.  
Tinha mais de vinte anos  
Que tal fato acontecia:  
Quando o trabalho deixava,  
Pão, fruta e queijo comprava  
E no bonde, então, subia.

Era no Arsenal de Guerra,  
Como subsecretário,  
Que trabalhava o Major,  
Sendo exemplar funcionário.  
E era a sua morada  
Em uma rua afastada  
Do bairro São Januário.

Quando jovem, quis seguir  
A carreira militar,  
Mas a Junta de Saúde  
Fez o seu sonho lograr.  
Então, na Armada de Guerra,  
Por amor à sua terra,  
Ele veio a ingressar.

Sua precisão de horário,  
Como a obra sublinha,  
Era uma referência,  
Sendo um exemplo a vizinha,  
Que, quando o via passar,  
Sabia que o jantar  
Devia vir da cozinha:

“Passou o Major, Alice.  
Já está passando a hora!”  
Ouvindo isso, a criada  
Punha a mesa sem demora.  
Toda a vizinhança dele  
Se orientava por ele,  
Como fazia a senhora.

Tinham-no por misantropo,  
E ninguém o visitava.  
E o fato de ter livros  
A todo mundo chocava:  
“Sem um acadêmico ser,  
Como pode livros ter?”  
– A vizinhança falava.

Grande amor pelo Brasil  
Policarpo possuía.  
Por isso, juntara livros  
De História, Geografia  
E também de ficção  
Da nossa bela nação,  
Que ele amava com euforia.

O compadre e a afilhada  
Constituíam exceção,  
Sendo os únicos que iam,  
Numa ou outra ocasião,  
À singela moradia  
Onde com a irmã vivia  
O pacato cidadão.



O Vicente Coleoni,  
Compadre do herói fagueiro,  
Tinha nascido na Itália  
E era um ex-quitandeiro.  
Ao Major agradecia,  
Pois lhe socorrera um dia,  
Emprestando-lhe dinheiro.

Olga, filha de Vicente,  
Ficara noiva de Armando.  
Como o amado padrinho,  
Que é nosso herói venerando,  
Revoltava-se demais  
Com injustiças sociais,  
Que vivia criticando.

Era Adelaide, a irmã  
Do Major, com quem vivia,  
Um ser humano bondoso,  
Pois toda sua energia  
Para o irmão devotava.  
Dele, às vezes, discordava,  
Mas apoiando-o seguia.

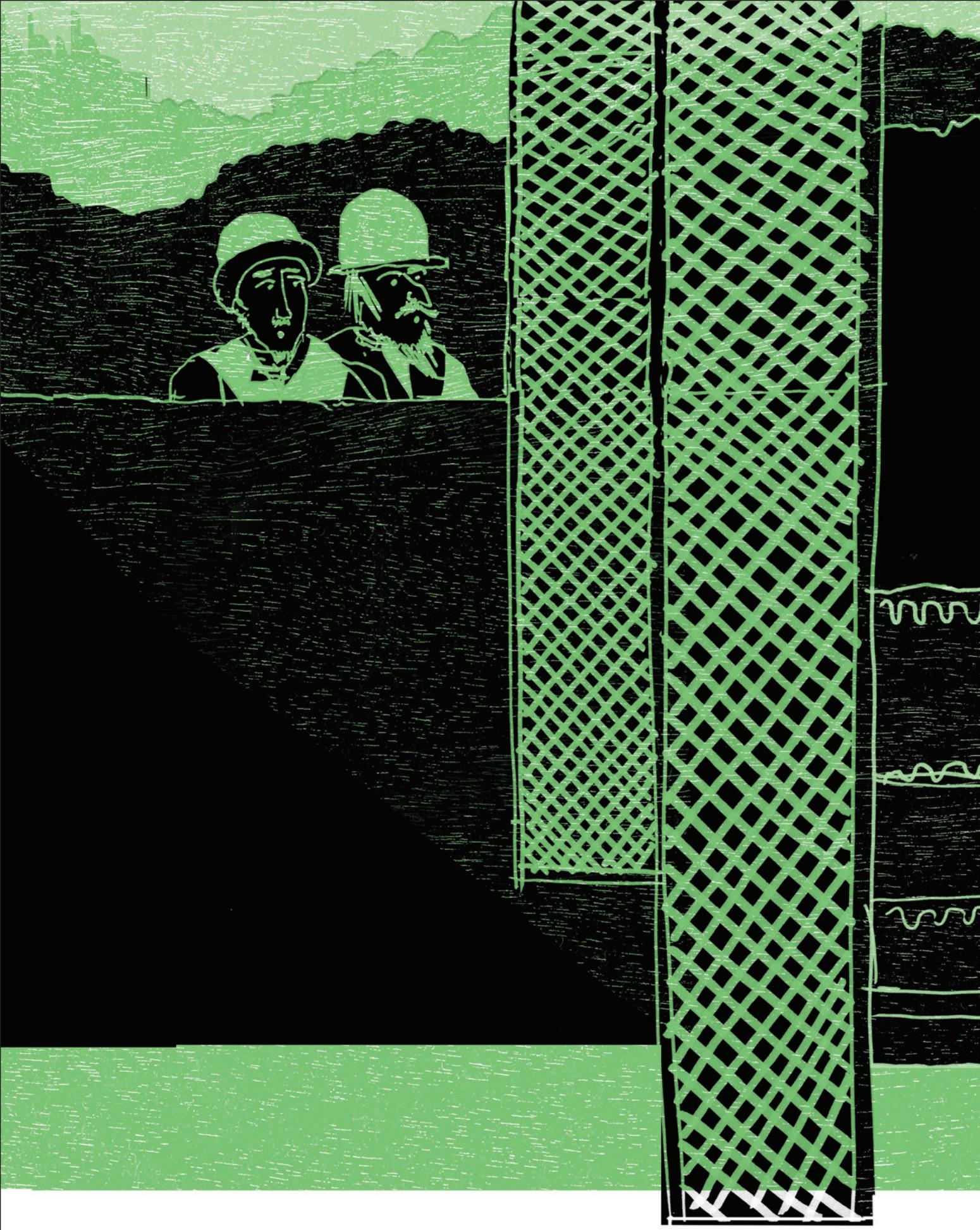
De repente, outra pessoa  
Começou a frequentar  
O nosso herói Policarpo  
Naquele pacato lar:  
Era um rapaz magricela  
Quem vinha à casa singela  
Pra violão ensinar.

O Ricardo Coração  
Dos Outros, que era cantor  
De modinhas bem famoso,  
Vinha a ser o professor  
Do instrumento citado,  
Cabe aqui ser informado  
Ao meu querido leitor.

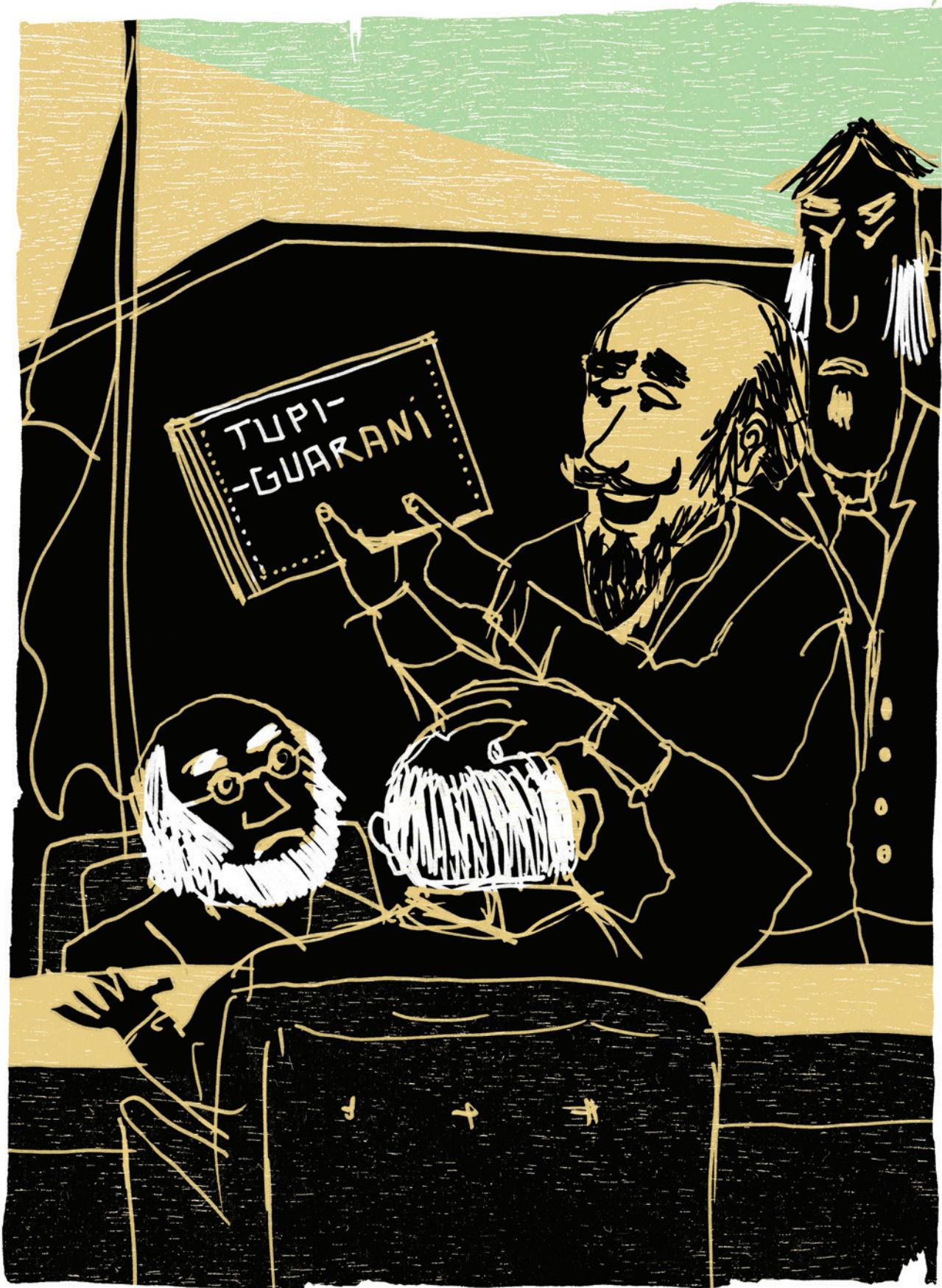
Era bastante malvisto  
O violão nesse tempo:  
Era “coisa de malandro,  
Um profano passatempo”.  
Assim, aovê-lo tocando  
O “instrumento nefando”,  
Julgaram um contratempo.

Sem dar trela ao preconceito  
Dos vizinhos e vizinhas,  
Ele tentava aprender  
Para acompanhar modinhas.  
Mas logo as aulas deixou,  
O que bastante agradou  
Essas pessoas mesquinhas.

Antes de ele decidir  
Estudar o violão,  
Outro braço da cultura  
Da nossa grande nação  
Abraçou com frenesi:  
Fora o tupi-guarani  
Que lhe chamara a atenção.







Defendendo que essa língua  
Era a linguagem mais pura  
Para dar uma tradução  
De toda nossa cultura,  
Na câmara defendeu  
Esse pensamento seu,  
Que julgaram ser loucura.

Em seu trabalho, igualmente,  
Zombavam bastante dele,  
Principalmente Azevedo,  
O qual fingia crer nele,  
Mas, mal o Major saía,  
Dava início à zombaria,  
Pois bem fingido era ele.

Nova tarefa abraçou  
Ao deixar o violão.  
Pesquisar os nossos ritos:  
Era a sua decisão.  
Com o General Albernaz,  
Seu vizinho, foi capaz  
De pôr em marcha a missão.

Cabe contar que Albernaz  
Muito ocupado vivia  
Em arranjar casamento  
Pras filhas que possuía:  
Quinota, Zizi, Lalá  
E Ismênia, a qual já  
Em breve se casaria.

Havia já cinco anos  
Que Cavalcanti, leitor,  
Era seu noivo. Casá-la  
Desejava o genitor,  
Mas, como direi à frente,  
O enlace, infelizmente,  
Lhe traria imensa dor.

Com o vizinho, ele foi  
Prontamente entrevistar  
A velha Maria Rita,  
Para ela lhes falar  
Sobre alguns ritos antigos.  
Entretanto, os dois amigos  
Vieram a se frustrar.

Ocorre que tia Rita  
Não guardava na lembrança  
Quaisquer ritos ou cantigas  
Dos seus tempos de criança.  
“Que descuido com as raízes.  
Não aceito tais deslizes!”  
– Disse o Major sem tardança.

O noivo de Ismênia, filha  
Do General Albernaz,  
Lhes disse: “Um velho poeta  
Que eu conheço é capaz  
De ajudá-los grandemente!”  
O Major, muito contente,  
Agradeceu ao rapaz.





Os dois amigos colheram  
Com o poeta indicado  
Informações preciosas  
Ao estudo planejado  
Sobre as velhas cantigas  
E cerimônias antigas  
Do nosso país amado.

Pelo tangolomango,  
Que é antiga folia,  
O Major manifestou  
Interesse em demasia.  
Então, com o general,  
Quis montar o ritual,  
E logo o amigo anuía.

Uma fantasia, então,  
Policarpo encomendou.  
Quando a hora combinada  
Para a folia chegou,  
A fantasia vestiu.  
Mas mal súbito sentiu,  
E, em seguida, desmaiou.

Levado para o hospital,  
Ali ficou internado.  
Enquanto ele se tratava,  
O nosso herói adorado  
Prosseguiu no estudo seu,  
Mas ficou, com o que leu,  
Completamente frustrado.

Sua frustração nascia  
De ter descoberto, então,  
Que muitos dos elementos  
Do folclore da nação  
Origem estrangeira têm.  
Tangolomango também,  
Via, com decepção.

Quando a irmã Adelaide,  
Olga e o pai Vicente  
Foram um dia visitá-lo,  
Com um berreiro, o doente  
Veio a recebê-los lá:  
“É hábito tupinambá!”  
– Explicou todo contente.

Outra ação de Policarpo  
Enquanto estava internado  
Foi enviar uma carta  
A um Ministro de Estado  
Exigindo que o tupi  
Fosse o idioma daqui,  
Do nosso país amado.

A tal carta produziu  
Risadarias à beça,  
E, no Arsenal de Guerra,  
O secretário depressa  
Puniu com uma suspensão  
O Major, dizendo então:  
“Como pode uma coisa dessa?”



Em conversa com Adelaide,  
A boa irmã do Major,  
Declarou Vicente: “Antes  
Que ocorra algo pior,  
E o demitam mais à frente,  
Aposentá-lo é urgente!”  
Disse Adelaide: “É melhor!”

Não tardou para o Major  
Vir a ser aposentado.  
Pouco tempo depois disso,  
Por Olga era informado:  
Logo casaria ela  
Com Armando, noivo dela,  
Um médico recém-formado.

Ao saber disso, Adelaide  
Comentou para o irmão:  
“Saber que ela casará  
Traz luz ao meu coração  
Triste por uma notícia.  
E eis uma hora propícia  
Pra lhe dar a informação.”

“A coitadinha da Ismênia  
Veio a ser abandonada,  
Logo após seu casamento  
Estar com data marcada.  
Disse que não se abalou,  
Mas ninguém acreditou.  
Pobre da Ismênia! Coitada!”

Realmente, embora Ismênia  
Dissesse que estava bem,  
E que estava conformada  
Com a solteirice também,  
Via-se que padecia.  
E saibam que logo iria  
Ser do delírio refém.

Dias depois, ao padrinho,  
Olga pediu que comprasse  
Um sítio pra plantar roça  
E pra que animais criasse.  
A ideia ele aprovou,  
O que bastante agradou  
A jovem de bela face.

Para demonstrar quão fértil  
Era o solo brasileiro,  
Logo o Sítio do Sossego  
Compra o herói altaneiro.  
Ficava a propriedade  
Em Curuzu, uma cidade  
Lá do Rio de Janeiro.

Mesmo que não desejasse  
A referida mudança,  
Adelaide, que cuidava  
Do irmão desde criança,  
Disse adeus ao belo lar  
E foi galinhas criar  
Lá no sítio sem tardança.







O ex-escravo Anastácio  
Era do sítio o caseiro.  
Também trabalhavam ali  
O bom Mané Candeeiro  
(Metido a compositor)  
E Felizardo, um senhor  
Beberrão e fofoqueiro.

Tão logo chegou ao sítio,  
O novo proprietário  
Comprou máquinas e livros,  
Todos sobre tema agrário,  
Para a produtividade  
Da sua propriedade  
Ter nível extraordinário.

Mas os seus trabalhadores  
Acharam aquilo loucura,  
Insistindo em velhas práticas  
Usadas na agricultura  
Daquela época e lugar.  
Não conseguiu implantar,  
Assim, qualquer ruptura.

Com a ajuda de Anastácio,  
Aprendia o camarada  
A trabalhar certo com  
Picareta, pá, enxada  
E outros instrumentos mais  
Que os obreiros rurais  
Usam em sua jornada.

Mesmo sem ter aplicado  
O que estava planejando,  
Um memorial agrícola  
Ele foi elaborando:  
“Já vejo a glória futura  
Que trará à agricultura  
Meu escrito venerando!”

Com ajuda de Albernaz,  
Ricardo foi visitar  
Seu amigo tão querido,  
Que adorava escutar  
Modinhas ao violão.  
No sítio, veio, então,  
O músico a se instalar.

Após cerca de um mês  
Que estava ali instalado,  
Sobre o casório de Olga  
Policarpo era informado.  
Não foi à celebração,  
Mas um peru e um leitão  
Enviou o herói amado.

Tempos depois, com o esposo,  
Olga chegou em visita.  
Após ver uma cachoeira,  
Quis a jovem tão bonita  
Conhecer o povoado.  
Pobreza por todo lado  
Viu então, com alma aflita.





As casas de pau a pique,  
Terrenos sem plantação,  
O ar triste das pessoas,  
A miséria em profusão...  
Tudo isso a transtornou,  
E pra si mesma falou  
Com grande inquietação:

“Se há tanto barro e água,  
Por que as casas são assim?  
Podiam ser de tijolos  
E ter um telhado, enfim.  
Se pomares cultivassem  
E alguns bichos criassem,  
Dariam à miséria fim!”

No dia seguinte, foi  
Com Felizardo falar.  
Perguntou-lhe por que o povo  
Não costumava plantar  
Para seu próprio consumo  
E eis o que, em resumo,  
Ele veio a explicar:

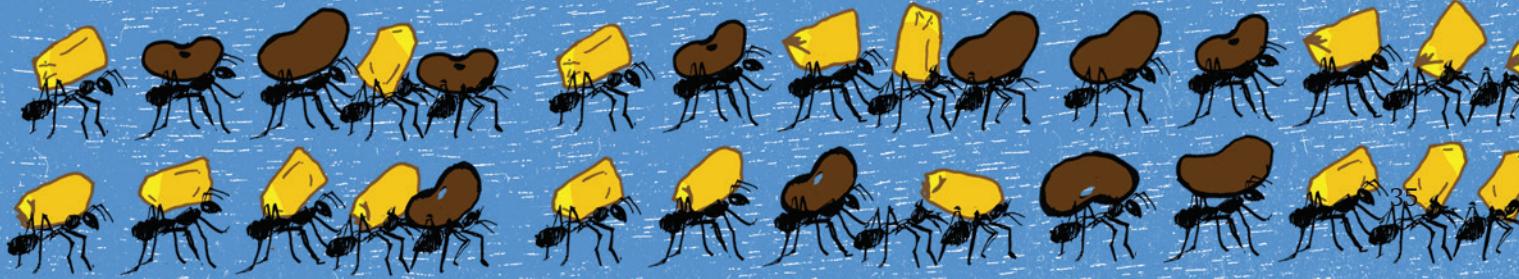
“Ora, a terra num é nossa  
E existe muita frumiga.  
Nós num temo ferramenta  
E o gunverno num liga  
Para o pobre *brasilero*.  
Só financia *estrangero*  
Os político duma figura!”

Em silêncio, a casa estava  
Na noite daquele dia.  
E nem lá fora, igualmente,  
A mínima bulha se ouvia.  
Sob o luar de prata,  
Não se ouvia a serenata  
Usual da saparia.

Enquanto lia, Quaresma  
Em Charles Darwin pensou.  
“Tudo é extraordinário!”  
– Para si, então, falou.  
Foi quando um barulho ouviu.  
Para investigar, saiu,  
E a causa do som achou.

A origem do ruído  
Lhe foi assim revelada:  
Assim que ele abriu a porta,  
Sentiu no pé uma picada  
Que ardia como urtiga.  
Logo viu ser uma formiga  
Que lhe dera uma ferroadada.

Viu atônito que atrás dela  
Havia uma fila extensa.  
Seguindo a fila de insetos,  
Viu, com aflição imensa,  
Formigas em batalhão  
Roubando milho e feijão  
De alguns potes na despensa.



O chão estava tomado  
Pelos pequenos ladrões,  
Que seguiam incansáveis  
Em cerrados batalhões.  
“Vençamos o inseto hostil,  
Ou dará fim ao Brasil!”  
– Pensou com os seus botões.

Infelizmente, as formigas  
Eram o problema menor,  
Como veio a descobrir  
Pouco depois o Major:  
Seu contratempo, de fato,  
Teve origem em um boato,  
O que explicarei melhor.

Havia tempos, leitor,  
Que o Major vinha ajudando  
Pessoas da região  
Em estado miserando:  
Esmolas e lenha dava,  
Mas isso já fomentava  
Um boato mui nefando.

Felizardo informou isso,  
Saibam os leitores leais.  
O tagarela escutara  
De habitantes locais  
Que políticas intenções  
Motivavam as doações  
Do patrão, e nada mais.

Junto ao povo, tal boato  
Vinha a ser alimentado  
Pelo presidente da Câmara,  
Campos (de Doutor chamado).  
Insuflava-o igualmente  
Antônio Dutra, um Tenente,  
Na política interessado.

Foram crescendo os boatos  
Daquela gente mesquinha.  
“Intrusos no povoadão!”  
– No jornal, uma quadrinha  
Dizia a respeito dele  
E dos amigos que ele  
No sítio abrigado tinha.

Sem se deixar abater  
Por toda a boataria,  
Para a capital seguiu  
Nosso grande herói um dia  
Pra o memorial sem-par  
Ao Presidente entregar,  
Seguindo com euforia.

“O Presidente, estou certo,  
Vai se alegrar por demais  
Com as ações que proponho  
Pra nossas áreas rurais.  
Meu memorial irá ler  
E, assim, desenvolver  
O Brasil cada vez mais!”



Infelizmente, adianto,  
Foi fria a recepção  
Ao memorial escrito  
Com tanta dedicação.  
Pensa, então, resignado:  
“Deve estar bem ocupado  
Com a vil rebelião!”

De fato, quando chegou  
À capital tão amada,  
O clima era muito tenso  
Dada a Revolta da Armada.  
Pra melhor compreensão,  
Trago alguma informação  
Ao meu leitor camarada.

Foi a Revolta da Armada,  
Rebelião promovida  
Por setores da Marinha,  
Que viam ser revestida  
Com a capa da ditadura  
A República àquela altura,  
Mancha a ser combatida.

No governo Deodoro,  
Teve início tal engano  
De imprimir sobre o regime  
Chamado republicano  
O viés totalitário.  
Tornou-se mais arbitrário  
No governo Floriano.

A citada insurreição  
Variada origem tinha:  
Grande prestígio do Exército  
Em relação à Marinha;  
E uma ala monarquista,  
Pela republicanista,  
Ressentimentos mantinha.

No governo Deodoro,  
A revolta começou.  
No governo Floriano,  
O levante perdurou.  
Duas fases teve assim.  
Até chegar ao seu fim,  
Mais de dois anos durou.

A agitação das ruas,  
Soldados por todo lado...  
Se via em tudo a tensão  
Que havia ali se instalado,  
Mas o Major, soridente,  
Foi deixar com o Presidente  
O memorial citado.

Quando chegou ao Palácio,  
Não foi boa a impressão:  
Muito suja e malcuidada  
Se achava a edificação.  
Isso não abala o plano  
De entregar a Floriano  
O documento em questão.





Viu Floriano cercado  
De damas muito formosas.  
Para o serviço da Pátria,  
Se ofereciam fogosas  
E de modo bem profano,  
Mas dispensou Floriano  
As damas licenciosas.

Floriano tinha aspecto  
Vulgar e desolador.  
Impunha as suas vontades,  
Como todo ditador.  
Trabalhos que lhe cabiam  
Aos subordinados iam,  
Pois ao ócio tinha amor.

Além de ser governante  
Mandão e bem preguiçoso,  
Ele era desumano,  
Mui cruel, impiedoso:  
Punir com prisão ou morte  
Qualquer falta era esporte  
Que amava o líder maldoso.

Porém, o Major Quaresma  
Achava que o Presidente  
Era um ótimo governante,  
E cria profundamente  
Na promessas que fizera:  
“Chegou uma nova era!”  
– Dizia ingenuamente.

Por isso, sem perder tempo,  
Dirigiu-se ao governante  
E do seu memorial  
Falou-lhe em tom delirante:  
“Tenho a solução segura  
Pra nossa agricultura  
Se desenvolver bastante!”

Não tardou pra Floriano  
Se cansar do palavrório  
De Policarpo Quaresma,  
Que ele julgava um simplório.  
Assim, leva o visitante  
Para o Major Bustamante,  
Logo saindo o finório.

A Quaresma Bustamante  
Dirigiu uma sugestão:  
Que Policarpo assumisse  
A frente dum batalhão.  
“Cruzeiro do Sul se chama.  
Liderando-o, terá fama  
De defensor da nação!”

Policarpo disse “sim”  
Ao plano do militar,  
Mas, antes, voltou ao sítio,  
Onde veio a arrematar  
Alguns negócios, e ele  
Cuidou que a irmã dele  
Tivesse apoio em seu lar.





A mulher de Felizardo,  
Sinhá Chica, rezadeira,  
Conhecedora de ervas  
E afamada parteira,  
De Adelaide ia cuidar,  
Ao seu lado ia ficar,  
Dando-lhe a mão companheira.

Deixando tudo acertado,  
À capital retornou,  
E, no Cruzeiro do Sul,  
Seu posto, enfim, ocupou.  
Logo, com prazer vivaz,  
O General Albernaz  
O seu caminho cruzou.

Disse Albernaz que cuidava  
Do paiol de munições.  
Sobre sua filha Quinola  
Também deu informações:  
“Muito feliz está ela  
Com o bom marido dela.  
Moram nas imediações.”

Entretanto, sobre Ismênia  
Nada disse o General.  
Não disse que ela sofria  
De insanidade mental  
Devido ao fim do noivado.  
Só mais à frente, o citado  
Revelaria, afinal.

Mas, antes de tratar disso,  
Cabe aqui ser relatada  
A visita que Quaresma  
Fez a Olga, a afilhada.  
Dela ouviu, naquele dia,  
Críticas à hierarquia,  
Por muitos tão celebrada.

Referindo-se às abelhas  
Como exemplo especial,  
Ele disse que hierarquia  
Era algo natural.  
Olga veio a retrucar:  
“Cargos e títulos louvar  
É estrabismo social!”

No dia seguinte, ele  
Viu soldados conduzindo  
Ricardo para o quartel,  
E o músico, resistindo,  
Era alvo de empurrões,  
De impiedosos safanões,  
E o Major foi intervindo:

“Meus amigos, tenham calma.  
Esse rapaz é do bem.  
Músico mais habilidoso  
Eu não conheço ninguém!”  
Solto, o músico venerando  
Foi logo o Major saudando,  
Dizendo a este, porém:



“Querem que eu entre na guerra,  
Mas sou amigo da paz.  
Amo a música, bem sabe.  
De matar sou incapaz!”  
“Calma, amigo. Irei tentar  
Desta missão lhe tirar.  
Só peço um tempo, rapaz!”

Porém, a promessa dele  
Terminou em frustração,  
Porque o Tenente Fortes  
Não concedeu permissão  
Pra Ricardo não lutar,  
Nem o deixou mais tocar  
No quartel seu violão.

Por esse tempo, Albernaz  
Veio ao Major informar  
Sobre o estado de Ismênia,  
Que era de desesperar.  
Para ajudar a citada,  
O marido da afilhada  
Foi o Major procurar.

Olga informou ao padrinho  
Que ausente o marido estava.  
Contra a sociedade,  
Falou, então, muito brava:  
“A mulher não tem saída:  
Ou casa ou é ofendida  
Com o rótulo de fracassada!”

Fora, de fato, esse rótulo  
Que deprimira a donzela.  
E antes que Armando Borges  
Resolvesse cuidar dela,  
A jovem, perdendo o norte,  
Teve o encontro com a morte,  
E eis como morreu ela:

Definhando a cada dia,  
Fez um último pedido:  
Queria ser sepultada  
Usando um branco vestido  
Que as noivas costumam usar  
Quando estão indo ao altar  
Pra se unirem ao marido.

Quando um vestido de noiva  
Estava experimentando,  
Alcançou-a a dura morte,  
Que logo a foi carregando.  
Muitos vieram ao velório,  
Sendo grande o falatório,  
Ato vil, cruel, nefando.

Enquanto isso, o Major,  
Que não fora ao cemitério,  
Entregava-se aos estudos  
Sobre guerras muito sério,  
Pois pra ele era bem claro:  
Um soldado sem preparo  
Era acinte, um despautério.

Todavia, enquanto ele  
Buscava se preparar  
Muitos pracinhas seguiam  
A fugir, a desertar,  
Pois viam ser deprimente  
O modo que o Presidente  
Usava pra governar.

Ele e o Tenente Fortes  
Eram, de fato, exceção.  
Entre oficiais e praças,  
Era grande a frustração  
Dado como o Presidente  
Tão equivocadamente  
Regia a tropa e a nação.

Mas o Major foi tentado  
A ir ao polo contrário  
Quando Floriano disse  
Que ele era um visionário,  
Pois via o memorial  
Como um delírio total,  
Como um desvario agrário.

Descontente com aquilo,  
Tentou se licenciar  
Com o fim de ir ao sítio  
Ver a mana e descansar.  
No entanto, não deixaram,  
E, sem destino, o mandaram  
Com seus soldados marchar.





Numa batalha, o Major  
E Ricardo são feridos.  
Para o hospital, então,  
Os dois foram transferidos.  
Enquanto convalesciam,  
Visitas não recebiam,  
Deixando-os bem ressentidos.

Quando o Major teve alta,  
Foi trabalhar na cadeia,  
Que, com o fim da Revolta,  
Encontrava-se bem cheia.  
Era um dos carcereiros  
Que guardavam os prisioneiros  
Desde o amanhecer à ceia.

Certo dia, um emissário  
Do Presidente chegou  
E alguns dos prisioneiros  
De pronto selecionou.  
Iam para o Boqueirão,  
Conforme a informação,  
Que o emissário passou.

Ao Major, dias depois,  
Disse um dos carcereiros  
Que havia sido morto  
Cada um dos prisioneiros  
Levados ao Boqueirão.  
“Assassinos!” – Disse então  
O Major aos companheiros.

Achando que o Presidente  
Tudo aquilo ignorava,  
Ele escreveu uma carta  
Em que o caso relatava.  
Quando Floriano leu,  
Por demais se enfureceu  
Com o que nela se achava.

Furioso, ele ordenou  
Pôr o Major na prisão  
Devido ter cometido  
O crime de traição,  
Ou seja, era acusado  
De ter ficado do lado  
De inimigos da nação.

Ao saber disso, Ricardo,  
O tão honesto rapaz,  
Conversou com Bustamante  
E também com Albernaz.  
Queria que os dois, então,  
Dissessem: “De traição  
O Major é incapaz!”

Pra surpresa de Ricardo,  
Vieram os dois a falar:  
“De traição o acusam;  
Não há como se salvar.  
Se alguém fizer a defesa,  
De traidor, com certeza,  
Também o irá tachar!”



Somente Olga aceitou  
Interceder pelo preso,  
Mas não a quiseram ouvir,  
E ela sentiu menosprezo  
Pelo sistema daninho  
Que condenara o padrinho  
Gentil e tão indefeso.

Quando subia os degraus,  
Surpreendeu-lhe o burburinho  
Dos que vinham se mostrar  
Ao Presidente mesquinho.  
Queriam cumprimentá-lo,  
Beijar-lhe a mão, bajulá-lo,  
Exibir-se em seu caminho.

Não foi permitido a ela  
Com o Presidente falar.  
Veio só um secretário  
Para lhe comunicar  
Que, pra crime tão terrível,  
O perdão era impossível,  
Sendo inútil, pois, tentar.

Ela então sentiu vergonha  
De seu pedido fazer.  
Com tal gente, era melhor  
Tê-lo deixado morrer,  
Sem manchar, com seu pedido,  
O padrinho tão querido,  
Doce e magnífico ser...

Pedir pela vida dele  
Era deixar, com efeito,  
Que seus algozes pensassem  
Que possuíam o direito  
De vir a tirar-lhe a vida...  
Lamentou, já na saída,  
O pedido há pouco feito.

Para o céu, ares e árvores  
De Santa Teresa olhou.  
Pensou nas várias mudanças  
Que o bairro testemunhou.  
“Esperar mais é preciso!”  
– Pensou isso e, num sorriso,  
Até Ricardo ela andou.

Cabe ao leitor perguntar:  
“Como foi o triste fim  
De Policarpo Quaresma?”,  
E eu responderei assim:  
“Dizem que, num paredão,  
Um fuzil deu extinção  
Ao herói tupiniquim!”

Portanto, sendo atingido  
Pela bala de um fuzil,  
Dava adeus a este mundo  
Nosso herói bom e gentil,  
Um ingênuo ser do bem  
E que amou como ninguém  
A pátria mãe, o Brasil.

Chega, portanto, o cordel  
À estrofe derradeira,  
Na qual reforço: Quaresma  
Veio a ser, sobremaneira,  
Quixote tupiniquim,  
Tendo amado até o fim  
Nossa pátria brasileira.

FIM



**TRISTE FIM  
DE POLICARPO  
QUARESMA  
EM CORDEL  
LIMA BARRETO**

**PARATEXTO**

# CARO ALUNO,

O contato com obras literárias de diferentes gêneros e diversos temas permite a nós, leitores, expandirmos os nossos horizontes de expectativas em relação à literatura e ampliarmos o nosso repertório. Passamos a olhar para os textos literários, cada vez mais, com olhar crítico e atento aos sentidos que se escondem nas camadas que compõem a obra.

A diversidade de temas permite que conheçamos uma infinidade de possibilidades de histórias, maneiras de representar emoções, sentimentos e experiências de vida. Não há limites para as temáticas presentes em uma obra, por isso somos convidados a nos surpreender a cada livro que abrimos.

Podemos conhecer realidades muito próximas à nossa e, da mesma forma, algumas obras nos levam a mergulhar em universos tão distintos daquilo que conhecemos que, quando nos damos conta, já estamos maravilhados com o mundo que se apresenta à nossa frente.

Esse encantamento é uma das forças da leitura. Exercitamos nossa imaginação, viajamos sem sair do lugar, conhecemos outros países, outras culturas, outras maneiras de olhar, de ler e de compreender o mundo. Somos levados também para outras realidades, que podem ser mundos repletos de criaturas mágicas, histórias de aventuras ou de terror.

Essa capacidade que os livros têm de nos levar para as mais diversas realidades é o que nos fornece a fantasia e a ficção de que precisamos. Gostamos de ouvir e ler histórias, gostamos de nos identificar com as personagens quando abrimos um livro e passamos a conhecer os seus dramas e angústias e gostamos, também, de aprender uma coisa nova a cada livro com o qual nos encontramos, seja uma curiosidade de alguma cultura, um mito, uma informação sobre a nossa própria realidade sobre a qual não tínhamos ideia. Ao fechar um livro após a leitura, já não somos mais o mesmo leitor que a iniciou. Fomos transformados.

O encantamento proporcionado pela literatura, quando nos transporta para o mundo da ficção e nos leva a refletir sobre o mundo e sobre nós mesmos, ocorre sem que precisemos deixar de lado o prazer pela leitura. Continuamos a exercitar a nossa imaginação, dando vida à nossa criatividade e nos permitindo as mais diversas emoções a cada página.

*Triste fim de Policarpa Quaresma em cordel*, de Stélio Torquato Lima com ilustrações de Fernando Vilela, permite que nós, leitores, possamos entrar em contato com uma adaptação de uma das obras mais importantes da literatura brasileira. Ao apresentar em cordel uma adaptação da obra de Lima Barreto de mesmo nome, o livro nos chama para conhecer um pouco mais sobre o Brasil, a cultura brasileira, nossa história e nossas mazelas.

O gênero cordel, tão rico e tão próximo da cultura popular, vai se mostrando, conforme embarcamos na leitura, uma escolha que nos permite conhecer essa história e, ao mesmo tempo, nos encantar com a sonoridade do texto. A literatura de cordel, por sua proximidade com a cultura oral, é rica em ritmo, sonoridade.

As ilustrações de Fernando Vilela tornam essa experiência de leitura mais enriquecedora e, durante a leitura, nós nos encontramos encantados pela história que está sendo contada, pelo texto que apresenta essa história com muito ritmo e pelas ilustrações que nos enchem os olhos.

A obra permite, ao retomar um dos clássicos da literatura brasileira, que nós possamos refletir sobre a nossa literatura, percebendo de que maneira os textos literários apresentam influências e a maneira como um autor pode influenciar outro.

Vamos conversar um pouco mais sobre a obra e toda a sua riqueza nas páginas a seguir. Convidamos você, aluno, a nos acompanhar nesse passeio por *Triste fim de Policarpa Quaresma em cordel*, de modo que juntos possamos tornar a experiência de leitura mais rica e proveitosa.

# **SOBRE O AUTOR**

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1922. Em abril de 1907 iniciou com suas primeiras contribuições para uma revista de grande circulação, ao se tornar secretário da *Fon-Fon*.

Aos 37 anos, em 1918, Lima Barreto foi aposentado por conta de sérios problemas de saúde advindos do alcoolismo, que já havia levado o autor a uma internação em 1914 no Hospital dos Alienados.

Por conta de sua escrita questionadora e por causa do preconceito racial da época, Lima Barreto não encontrou o reconhecimento que merecia em vida, o que o levou a publicar em Portugal sua obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Ele só foi reconhecido plenamente apenas após a sua morte, graças à dedicação de Francisco de Assis Barbosa e outros pesquisadores. Algumas de suas obras foram publicadas apenas após a sua morte.

Suas obras de maior destaque são *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpa Quaresma* (1911), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), *Os Bruzudangas* (1923 – póstumo) e *Clara dos Anjos* (1948 – póstumo).

# **SOBRE O AUTOR DA ADAPTAÇÃO**

Nascido em Fortaleza, no Ceará, no ano de 1966, Stélio Torquato Lima é doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Ceará (UFC). Como pesquisador, ele coordena o Grupo de Estudos Literatura Popular (GELP).

Escreve principalmente para os públicos infantil e juvenil, e a literatura de cordel ganha destaque em suas obras. Publicou a versão de 15 obras da literatura universal e, também, uma do romance *Iracema*, de José de Alencar. O cordel *Lógikka*, a *Bruxinha Verde*, de sua autoria, foi selecionado no Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel 2010 – Edição Patativa do Assaré, organizado pelo Ministério da Cultura.

Em 2011, seu cordel *O Pastorzinho de Nuvens* foi premiado em primeiro lugar (categoria 6 a 7 anos) pelo PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa), da Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

# **SOBRE O ILUSTRADOR**

Nascido em São Paulo, Fernando Vilela é artista plástico, ilustrador e autor. Graduado em Artes Plásticas pela Unicamp e mestre em Artes pela ECA-USP, atua como artista plástico realizando trabalhos com gravura, desenho, colagem, escultura, instalação e fotografia. Suas obras compõem importantes coleções no MoMA, em Nova York, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Além de artista plástico, Fernando Vilela é autor e ilustrador e seus livros já foram publicados em oito países. Com sua obra *Lampião*, Fernando Vilela recebeu três prêmios Jabuti e a Menção Novos Horizontes do Prêmio Internacional Bologna Ragazzi Awards.

Fernando Vilela também dirige o Binah Espaço de Artes, ateliê vivo que conta com aulas, palestras e formações.

# **CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA**

## **ENREDO**

*Triste fim de Policarpo Quaresma em cordel*, adaptação de Stélio Torquato Lima com ilustrações de Fernando Vilela, adapta para o gênero cordel o romance de mesmo nome do escritor Lima Barreto.

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* é uma obra recheada de ironia e de bom-humor para apresentar uma crítica ao Brasil oficial. O protagonista, Policarpo Quaresma, é quase um anti-herói a viver o seu sonho de valorização da cultura nacional. O livro vai apresentar críticas aos militares e burocratas da Primeira República, que tem o presidente Floriano Peixoto como o seu maior representante.

O romance de Lima Barreto já foi adaptado para o teatro, em peça de mesmo nome que estreou em 2010 em São Paulo, no Teatro Anchieta, e recebeu, também, uma adaptação para o cinema, em 1998, com o filme *Policarpo Quaresma, herói do Brasil*, com direção de Paulo Thiago.

O cordel que você leu é mais uma adaptação dessa obra de grande valor para a literatura brasileira. Por meio desse gênero, o cordel, podemos conhecer a história de Policarpo Quaresma, enquanto nos encantamos com as rimas e com a sonoridade do texto de Stélio Torquato Lima e com as ilustrações de Fernando Vilela.

Vamos conversar um pouco sobre a obra, as reflexões que ela desperta e os temas que ela sugere?

## TEMAS E REFLEXÕES

Conforme conversamos até aqui, *Triste fim de Policarpo Quaresma em cordel* proporciona a nós, leitores, o contato com um texto repleto de ritmo e que nos apresenta um dos romances mais importantes da literatura brasileira, permitindo que nós conheçamos um pouco sobre a história escrita por Lima Barreto.

A experiência de ler um cordel é se permitir encantar com um gênero literário que se adaptou a nossa cultura, criou laços com a tradição oral e se espalhou pelo nosso país levando histórias variadas para todas as regiões. Podemos conhecer, dessa forma, a riqueza de uma expressão artística que é fundamental para a formação da identidade cultural do Brasil.

Além disso, a leitura do cordel possibilita que nós, leitores, possamos nos encantar com as características dos textos escritos em verso, como os poemas, identificando rimas, ritmo, brincadeiras com as palavras e figuras de linguagem. Percebemos como o sentido do texto vai se construindo a partir de diversas camadas que nos desafiam e nos despertam a vontade de mergulhar, cada vez mais, nesse divertido jogo com as palavras, seus significados e seus sons.

Conforme conversamos, *Triste fim de Policarpo Quaresma em cordel* conta a história do personagem que dá título à obra, Policarpo Quaresma, em sua luta pela valorização da cultura nacional. Em sua jornada, ele irá apresentar críticas ao Brasil da época, especialmente aos burocratas e militares que governavam a nação.

Por meio de muito bom-humor e ironia, vamos percebendo a decepção de Policarpo Quaresma em relação a quem governa o país e dessa maneira se apresenta uma crítica aos primeiros anos da República no Brasil, período conhecido como Primeira República. Essa crítica permite que nós possamos refletir sobre os temas referentes a **sociedade, política e cidadania**.

A maneira como os burocratas e os militares são representados pela obra, por meio de duras críticas, faz com que nós, leitores, sejamos capazes de desenvolver um olhar crítico para o que está sendo representado na obra, mas que também tenhamos a capacidade de relacionar as críticas presentes no livro com a nossa realidade. Durante a leitura, você estabeleceu relações entre a história de Policarpo Quaresma e a sua realidade? Se não, experimente realizar esse exercício de pensamento crítico.

Reforçando o que já mencionamos, a história contada no cordel se passa durante o período da Primeira República, quando o Brasil era governado por Floriano Peixoto. O período da Primeira República vai de 1889, quando é proclamada a República do Brasil, até 1930, quando ocorre o Golpe de Estado que coloca Getúlio Vargas no poder. Esse período é marcado por diversos conflitos e crises, como a Revolta da Armada, no Rio de Janeiro, quando a Marinha se rebelou contra o presidente. Esse levante se relaciona à trajetória do protagonista, conforme você deve ter identificado durante a leitura.

A crítica à Primeira República nos leva a refletir sobre a história do Brasil, buscar compreender importantes e decisivos acontecimentos e nos incentiva a traçar pa-

ralelos entre o nosso passado e o nosso presente, de maneira que nós possamos desenvolver a nossa consciência histórica e o nosso olhar crítico para a realidade. Essas reflexões possibilitam trabalhar com temas relacionados aos **Diálogos com a história e a filosofia**.

Conforme você pôde perceber durante a leitura e a partir dessa nossa breve conversa sobre os temas e reflexões que *Triste fim de Policarpo Quaresma em cordel* permite trabalhar, a obra apresenta diversos temas que são muito importantes para o nosso desenvolvimento como sujeitos críticos e cidadãos ativos.

Você tinha conseguido identificar todos esses temas? Quais dessas reflexões você tinha feito durante a leitura? É interessante perceber como a obra apresenta tantos assuntos, não é mesmo?

A seguir, vamos conversar um pouco mais sobre o gênero cordel, essa produção literária cheia de ritmo e brasiliade. Vamos pensar juntos sobre as características desse gênero e conversar um pouco sobre a sua história, buscando compreender como a literatura de cordel ganhou tanta importância para nossa cultura, além de identificar algumas características do gênero na obra lida.

## O GÊNERO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Agora, vamos falar um pouco sobre a literatura de cordel, de onde veio, quais são as suas origens e algumas características do gênero. Vamos refletir juntos sobre a importância do cordel para a cultura brasileira e a sua relação próxima com a cultura oral.

O cordel pode ser entendido como uma forma poética que é estruturada em versos, cuja origem está ligada à cultura popular. Da forma como nós o conhecemos hoje, o cordel ganhou popularidade no Nordeste do Brasil, onde ele criou raízes na cultura de expressão popular. Com o passar do tempo, os cordéis foram se tornando cada vez mais populares em outras regiões, expandindo-se para todo o território brasileiro.

O cordel se tornou tão forte em nossa cultura, por representar uma das diversas riquezas de nosso país, que em 2018 foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Um patrimônio cultural imaterial pode ser práticas da vida social que representem a manifestação de saberes, de ofícios e modos de fazer de grande importância para uma cultura, assim como são considerados patrimônios da cultura imaterial as celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, lúdicas ou musicais. Ou seja, podemos pensar que, por sua importância para a cultura brasileira e pela maneira como se adaptou ao nosso país, ganhando características próprias de nossa cultura, o cordel passou a ser reconhecido como um dos nossos maiores tesouros culturais.

Muito se fala sobre a origem do cordel, mas, embora ainda não exista um consenso sobre o assunto, grande parte dos estudiosos do gênero reconhece que a teoria mais aceita é a de que ele tenha surgido na Europa, durante o período medieval. Durante a colonização, ele foi trazido para o Brasil e aqui criou raízes, tornando-se esse gênero que nos surpreende e encanta até os dias de hoje.

Na Europa medieval, os folhetos que deram origem ao cordel eram muito populares nas regiões referentes a Portugal e à Espanha. Contando histórias com temas históricos, esses folhetos eram muito populares e a sua comercialização se dava em feiras, onde eram expostos pendurados em um barbante ou em um cordel, daí a origem de seu nome.

Chegando ao Brasil, conforme já mencionamos, o cordel se adaptou a nossa cultura ao se aproximar das tradições culturais populares, como os repentes e as emboladas. Os folhetos de cordel foram se tornando cada vez mais populares na região Nordeste do Brasil, onde eram fundamentais durante os serões, ou seja, nos momentos em que as famílias e os seus agregados se reuniam para ouvir e contar histórias.

Considerado o primeiro cordelista de que se tem registro, o paraibano Leandro Gomes de Barros é um dos nomes mais importantes para a popularidade e consolidação do gênero no Brasil. Nascido em Pombal, no ano de 1865, é estimado, de acordo com a Academia Brasileira de Cordel, que o autor tenha deixado cerca de mil folhetos. Seus cordéis são fundamentais para a cultura brasileira e influenciou autores como Ariano Suassuna na composição de uma de suas obras mais conhecidas, *Auto da Compadecida*.

Engana-se quem pensa que o cordel tenha ficado parado no tempo e restrito a uma região. Os folhetos se espalharam por todo o país, ganharam cada vez mais popularidade e encantam cada vez mais leitores. Com o passar dos anos, os cordéis passaram a ser publicados, além dos folhetos que tradicionalmente foram responsáveis por sua popularidade, em livros, em antologias e em sites de cordelistas.

Como podemos ver, o cordel é um gênero vivo, que permanece ativo em nossa cultura, adaptando-se aos novos tempos, alcançando e encantando cada vez mais leitores com seu ritmo e beleza. Além dos temas históricos universais e regionais, os cordéis cada vez mais têm abordado novas temáticas, como releituras e adaptações de obras consagradas, como romances, peças de teatro e contos de fadas, além de abordar temas como alimentação, meio ambiente e sustentabilidade. Ou seja, cada vez mais os cordéis têm abordado temas tão diversos e múltiplos quanto a imaginação dos autores.

Vamos falar um pouco sobre a estrutura do cordel?

Conforme conversamos, o cordel é um gênero literário que se aproxima dos poemas, por exemplo, por ser organizado em versos e estrofes. Você se lembra a que se referem esses nomes? Vamos relembrar juntos!

Chamamos de verso cada uma das linhas de um texto em verso, seja ele um poema, um cordel, uma letra de música, por exemplo. Estrofe, por sua vez, refere-se ao agrupamento de versos, ou seja, um conjunto de versos dentro de um texto. Os versos e as estrofes auxiliam na construção do ritmo e da sonoridade dentro do texto poético.

É importante que a gente lembre que nem todos os textos escritos em verso são organizados em estrofes ou apresentam rimas. Os textos em verso que não apresentam uma estrutura regular são aqueles conhecidos por ser formados a partir de versos livres.

Por outro lado, aqueles que vão apresentar uma estrutura regular, ou seja, uma organização em estrofes e versos já estabelecidos, são conhecidos como forma fixa. As formas fixas são caracterizadas por apresentar uma mesma regra para a quantidade e organização dos versos, das estrofes e das rimas.

Vamos ver uma forma fixa para auxiliar na compreensão dessa ideia. É bem provável que você conheça o texto a seguir.

*Sou pequenininho  
Do tamanho de um botão  
Carrego papai no bolso  
E mamãe no coração.  
(Origem popular)*

Ao ler esse texto, você talvez se lembre de outros parecidos que fizeram parte dos seus primeiros anos na escola e nas brincadeiras com outras crianças. Esses textos formados por quatro versos são conhecidos como quadrinhas.

As quadrinhas são uma forma fixa que apresentam uma única estrofe, quatro versos e que manifesta rima, ou seja, sons parecidos, entre o final do segundo e do quarto verso. No caso da quadrinha lida, identificamos a rima entre as palavras “botão” e “coração”. Existem outras formas fixas, como o soneto, a balada, o rondô.

O cordel é um gênero literário estruturado em versos e estrofes, conforme já mencionamos. Sua estrutura pode variar de acordo com o estilo do autor. Há cordéis formados por estrofes de quatro, seis, sete, oito e dez versos. A quantidade de estrofes e a localização das rimas também podem variar.

Vamos reler a primeira estrofe de *Triste fim de Policarpo Quaresma* em cordel.

- 1º verso:** Que Deus me ajude a contar
  - 2º verso:** O romance *Triste fim*
  - 3º verso:** De *Policarpo Quaresma*,
  - 4º verso:** Que lançou em folhetim
  - 5º verso:** O grande Lima Barreto.
  - 6º verso:** Que eu possa, neste folheto,
  - 7º verso:** Cumprir bom trabalho, assim.
- (p. 6)

Conforme é possível perceber, a estrofe, ou seja, o agrupamento de versos, é formada por sete versos. A essa organização das estrofes nós damos o nome de septilhas. Agora, vamos reler essa mesma estrofe nos atentando às rimas, ou seja, aos sons parecidos.

- 1º verso:** Que Deus me ajude a contar
- 2º verso:** O romance *Triste fim*

**3º verso:** De Policarpo Quaresma,

**4º verso:** Que lançou em folhetim

**5º verso:** O grande Lima Barreto.

**6º verso:** Que eu possa, neste folheto,

**7º verso:** Cumprir bom trabalho, assim.

(p. 6)

Identificamos que as rimas ocorrem entre as palavras “fim”, “folhetim” e “assim”, ou seja, entre os 2º, 4º e 7º versos, e, também, localizamos sons parecidos entre as palavras “Barreto” e “folheto”, 5º e 6º versos respectivamente.

Ao identificarmos as rimas de um texto organizado em versos, nós somos capazes de identificar de que modo o ritmo do texto é construído. Vamos fazer um teste? Agora que identificamos as rimas, realize uma leitura expressiva e em voz alta dessa estrofe dando ênfase às palavras destacadas.

Conseguiu perceber como, ao realizarmos a leitura nos atentando às rimas, o texto ganha ritmo, tornando-se mais sonoro?

Essa sonoridade tão agradável de se ler e de se ouvir só é possível pela maneira como o texto é elaborado. Por isso é importante refletirmos um pouco sobre as características dos textos, assim entendemos que as escolhas das palavras e a maneira como elas são organizadas não ocorrem ao acaso, elas existem para que o texto possa se tornar uma experiência rica para nós leitores.

Outro elemento que torna o texto em verso poético, embora não seja exclusivo dele, são as figuras de linguagem. Elas são usadas para gerar efeitos de sentido variados ao utilizarem as palavras fora de seu sentido literal, tornando a obra literária mais instigante para os leitores.

As figuras de linguagem possibilitam que, ao realizarmos a leitura de um texto, a nossa imaginação seja exercitada, pois entramos em jogos de sentido criado a partir da brincadeira com as palavras.

Releia a estrofe a seguir, em que é mencionado o envolvimento de Policarpo Quaresma com o violão e sua paixão pelo tupi-guarani.

*Antes de ele decidir  
Estudar o violão,  
Outro braço da cultura  
Da nossa grande nação  
Abraçou com frenesi:  
Fora o tupi-guarani  
Que lhe chamara a atenção.*

(p. 13)

A expressão “braço da cultura” tira a palavra “braço” de seu sentido literal. Conseguimos compreender, ao realizarmos a leitura, que o trecho diz respeito a um dos segmentos da cultura, da mesma forma que, ao falarmos sobre “braço do sofá” e “pé da cadeira”, compreendemos que estamos nos referindo a partes desses móveis. Esse uso de uma palavra fora de seu sentido literal, mas que já faz parte do nosso uso da língua é conhecido como a figura de linguagem catacrese.

Essa figura de linguagem é próxima ao nosso dia a dia, pois ela faz parte da linguagem coloquial, com expressões como “pé da cama”, “céu da boca”, “maçã do rosto”, “batata da perna”, entre outras.

A comparação é uma figura de linguagem que também utilizamos no nosso cotidiano. Expressões iguais a “doce como mel”, “azul como o mar” e “forte como um touro” são comuns no nosso dia a dia. Releia o trecho a seguir em que podemos identificar o uso da comparação.

*A origem do ruído  
Lhe foi assim revelada:  
Assim que ele abriu a porta  
Sentiu no pé uma picada  
Que ardia como urtiga.  
Logo viu ser uma formiga  
Que lhe dera uma ferroada.*

(p. 34)

É possível identificarmos que, ao comparar o ardor da picada da formiga com a urtiga, o texto nos apresenta uma relação entre as duas sensações, pois a urtiga é um tipo de planta que, ao tocar na pele, pode liberar substâncias que causam um tipo de ardor, além de vermelhidão, inchaço e queimação.

Podemos identificar outra figura de linguagem no trecho a seguir.

*Quando um vestido de noiva  
Estava experimentando,  
Alcançou-a a dura morte,  
Que logo a foi carregando.  
Muitos vieram ao velório,  
Sendo grande o falatório,  
Ato vil, cruel, nefando.*

(p. 51)

Ao se referir ao falatório como uma atitude reprovável, o texto enfatiza “ato vil, cruel, nefando”. Nefando se refere a algo abominável, sobre o qual não se deve nem tocar no assunto. Dessa forma, é utilizada a figurada de linguagem gradação para dar ênfase a quanto perverso é o falatório das pessoas.

Agora que você viu algumas figuras de linguagem presentes na obra, procure lembrar outros exemplos que você conheça e, ao retornar ao texto, tente identificar se há a ocorrência de outras figuras de linguagem, buscando compreender quais efeitos de sentido elas podem gerar.

## PROJETO GRÁFICO

Os elementos do projeto gráfico têm como objetivo tornar a experiência de leitura mais rica e proveitosa, contribuindo para o prazer despertado pelo contato com o texto literário.

As ilustrações de Fernando Vilela apresentam cenas emblemáticas da jornada de Policarpo Quaresma em uma linguagem que remete à xilogravura, técnica de ilustração caracterizada por realizar a gravura a partir de um relevo sobre madeira. Os folhetos de cordel, tradicionalmente, eram compostos pelo texto do cordel e pelas ilustrações em xilogravura. Dessa forma, ao trazer esse elemento para as ilustrações, a obra permite a nós, leitores, vivenciarmos uma experiência de maior mergulho no universo da literatura de cordel. Atente-se às cores, às cenas representadas, aos detalhes dessas cenas e permita-se se encantar também por esse aspecto.

Com base no que nós conversamos, experimente voltar ao texto e realizar uma nova leitura. Mantenha-se atento aos aspectos sobre os quais tratamos aqui. Procure nas camadas do texto novas possibilidades de sentido. Encante-se com a sonoridade e acompanhe, mais uma vez, a jornada desse herói que tanto ama a nação.







0301L24000025LE

ISBN 978-65-998492-0-6

9 786599 849206